



Capítulo 4

**Trabalho Solitário:
Prática a Demandar Vigilância e
Intervenções de Qualidade de Vida no
Mundo Corporativo**



AGUINALDO GONÇALVES

MÉDICO SANITARISTA E DO TRABALHO,
PROFESSOR TITULAR DE SAÚDE COLETIVA E
ATIVIDADE FÍSICA, FEF/UNICAMP

Resumo

Reconhecidamente, a exploração acerca das possibilidades de evolução da relação capital-trabalho na realidade corporativa aponta, como conseqüência da mundialização, para a redução das conquistas sociais atingidas, como universalidade dos serviços de saúde, vigência de benefícios securitários e contrato por tempo indeterminado. Nesse contexto, importa identificar e saber lidar com as formas solitárias de produção, aquelas que se dão de modo predominantemente individual e fora da territorialidade da empresa, engendrando “cruzes e delícias”, paradigmas dessa inserção que cresce e se avoluma cada vez mais. Intervenções de Qualidade de Vida no mundo corporativo a esse respeito ainda são desafios de demanda direta, pois trata-se de realidade bastante gravosa a corresponder à extensão ainda maior da resistência permanente diante das condições de vida no interior do mundo do trabalho, sobretudo nesses tempos de economia globalizada, com o protagonismo

do desequilíbrio imposto pelos avanços da tecnologia e também pelo acirramento da competitividade não mais restrito à escala nacional.

Introdução

Muito a Humanidade tem explorado sobre o que está por vir... Talvez até demais, pois, como nos conta Machado de Assis (1982), ao recuperar as palavras da pitonisa procurada pela mãe de Esaú e Jacó, não passam de “coisas futuras”! Basta-nos rápido olhar sobre tendências e premonições referentes ao Trabalho e à Saúde. Acerca do primeiro, De Masi (2001) chega a traçar, a partir de reflexão absolutamente europeia, o clássico panorama otimista não só de redução de jornada, mas sim de respectivo desaparecimento, mercê da projeção da hegemonia da ação laborativa predominantemente domiciliar. Já na assistência prestada pelos equipamentos sociais, particularmente ao referente à Saúde, a globalização, o líbero-capitalismo, a competitividade e a hipocinesia levam ao cenário construído por Gonçalves; Mantellini (2007), acerca das dificuldades crescentes acometendo o controle dos agravos populacionais, sobretudo os de natureza infecciosa, contrariando, assim, as autoridades setoriais de plantão.

O Trabalho Solitário

Sobre esta realidade tão primeva, mas redescoberta pelo perverso da contemporaneidade, vêm-nos falar três especialistas também italianos (Barbacio et al., 2006), dedicados a diferentes aspectos do trabalho realizado individualmente, para, com os pés fortemente fincados no presente, esquadrinharem possibilidades futuras. Operando por sobre o terreno do real minado pela complexidade, partem do antagonismo constatado no interior de nossa sociedade entre “espaços” e “postos” de trabalho, metáfora elegante a explicitar a demanda por atividades produtivas vis à vis a oferta de fixação das mesmas: em outras palavras, quer se dizer o

quão muito há a fazer em contrafação à pouca disposição para sustentar sua realização. É dessa anfractuosidade que surgem as chamadas alternativas modernas, como a terceirização e a prestação de serviços temporários ocasionais e por projetos, entre outras tantas formas de atuação profissional não respaldadas por conquistas sociais nem éticas. Tem-se assim a compreensível, malgrado estranha, antinomia do “crescimento ocupacional com estagnação econômica”, isto é, aumento do volume da população ativa, porém pela via da ausência de vínculos empregatícios.

Aparentemente irreversível, esta tendência traz o lamento do despreparo das classes obreiras em lidar com ela, supostamente por originarem-se em contextos sociais em que se contava com institutos áureos, como a universalidade da saúde, dos benefícios previdenciários e do contrato por tempo indeterminado, aos quais falta a cultura do “atípico e do autônomo”.

Nessa direção, como situações ilustrativas, são tomadas para estudo algumas ocupações que se poderiam chamar de paradigmáticas na medida em que, predominantemente intelectuais, são executadas quase exclusivamente de forma individual e fora da territorialidade da empresa. Referem-se, entre outros, ao jornalista “free lance”, ao tradutor, aos pesquisadores de opinião e aos operadores de “telemarketing”.

Ao tratar dessas matérias, chama atenção a aparente ingenuidade, pretensa ou legítima, presente nas poucas análises travadas. É o caso, para exemplificar, da alta rotatividade dos postos de operação de “telemarketing”, aqui também submetida à recorrente perspectiva de “culpabilização da vítima” (Gonçalves, 2006). Vale dizer, obnubila-se a perversidade da relação capital-trabalho, na qual aquele ignora a co-responsabilidade e reciprocidade com este, e a explicação é tomada dirigindo-se unilateralmente para o elemento mais frágil do binômio.

Avulta, nesta linha de lacunas sentidas, questão que, de resto, vem sendo contemplada com muita propriedade em textos como o de Fornasiero; Goldmann (2005). Está-se falando aqui da necessidade de os profissionais atuais desenvolverem, de fato, não importando qual ocupação militem, uma linguagem simultaneamente clara, correta, adequada e eficaz. Embora se

refiram à realidade italiana, à avaliação dos referidos autores cabe abrangente ampliação. Lembram eles que habitualmente o aprendizado da expressão oral e escrita se confunde com os estudos da produção dos grandes mestres e de suas escolas literárias, vindo então a gramática pontilhada de normas e regras de difícil aplicação, olvidando-se a orientação para a necessária comunicação do dia-a-dia.

Voltando às demarcações mais profundamente nucleares, Barbacio et al. (2006) se dedicam ao que ironicamente identificam como “cruzes e delícias”, isto é, ambicioso elenco no qual se pontuam, por exemplo, entre as primeiras, fluxos descontínuos de demanda, o risco de isolamento, a possibilidade de dispersão e conseqüente redução da produtividade, dificuldade de auto-avaliação e imparcialidade, desmotivação e decorrente estresse. De sua parte, as “vantagens” consideradas envolvem a ausência de horário e demais normas de fixação do ato produtivo, como mobiliário adverso, presença física do chefe e rotina rígida de procedimentos. Integra o segmento completa listagem de pontos-chaves para cultivo da eficiência em tais condições, como necessidade de objetividade, clareza na definição de objetivos, precisão de horários e pautas, disciplina pessoal, criação e manutenção de rede de colaboradores, planificação cuidadosa e controle de investimentos e custos, bem como vigilância e acompanhamento do respectivo mercado... Enfim, tem-se a impressão, pela exposição observada, de que a substituição da empresa tradicional pelo “homem orquestra” ou pela “mulher maravilha” exigem polivalência e operosidade bastante presentes!

Componente doutrinário destacado diz respeito ao envolvimento com o “marketing”, implicando no tratamento dos numerosos recursos e instrumentos que constituem respectivo repertório aplicado. Parece realidade que o setor, aliás como os demais, não pode descuidar-se, pois como enfim lembram os próprios autores de pesquisa do governo norte-americano, em cada 27 clientes descontentes, 25 relatam essa sua frustração, cada um a pelo menos mais dez pessoas.

Conclusão

Enfim, tomando a realidade mais extensa em que se encontra o trabalhador nos dias atuais, parece que o trabalho solitário, como seus riscos e limitações, corresponde a desafio considerável para que gestões e intervenções sejam gestadas e conduzidas em direção à Qualidade de Vida.

Contempla, assim, realidade bastante gravosa, pois significa ainda maior resistência permanente diante das condições de vida no interior do mundo do trabalho, sobretudo nesses tempos de economia globalizada, com o protagonismo do desequilíbrio imposto pelos avanços da tecnologia e também pelo acirramento da competitividade não mais restrito à escala nacional (Munhoz; Rego, 2002).

Referências

BARBACIO, L.; IAMETTI, P.; SPALLANZANI, S. 2006. LAVORARE DA SOLI. MILANO: ETAS, 159p.

DE MASI, D. 2001. A ECONOMIA DO ÓCIO. RIO DE JANEIRO: SEXTANTE, 183p.

FORNASIERO, S.; GOLDMANN, S. T. 2005. SCRIVERE L'ITALIANO. BOLOGNA: IL MURINO, 156p.

GONÇALVES, A. 2006. "A SAÚDE E A ATIVIDADE FÍSICA NO TRABALHO, SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: REFÊNS DE VELHOS TÓTENS?". IN: VILARTA, R.; CARVALHO, T. H. P. F.; GONÇALVES, A.; GUTIERREZ, G. L. (ORG.). QUALIDADE DE VIDA E FADIGA INSTITUCIONAL. CAMPINAS: IPES EDITORIAL/PREAC - UNICAMP, p.07-17.

GONÇALVES, A; MANTELLINI, G. G. 2007. QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE DIALOGAM COM O CORPO E SUA LINGUAGEM: ALGUMAS QUESTÕES BÁSICAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. PROGRAMA TEIA DO SABER. CAMPINAS, UNICAMP/ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO.

MACHADO DE ASSIS, J. M. 1982. ESAÚ E JACÓ. SÃO PAULO: NOVA FRONTEIRA, 179p.

MUNHOZ, C.; REGO, S. M. 2002. "TENDÊNCIAS NO RELACIONAMENTO PROFISSIONAL-EMPRESA: O COOPERATIVISMO DE TRABALHO NA SAÚDE". REV. ADMINISTR. SAÚDE 5(17): 33-39.